

**VISIBILIDADE NEGRA NA COLUNA SOCIAL DO JORNAL
APALAVRA: estruturas de sentimento dominantes,
residuais e emergentes***

**LA VISIBILIDAD DEL NEGRO EN LA COLUMNA DE
CHISMES DEL PERIÓDICO APALAVRA: estructuras
de sentimiento dominante, residual y emergente**

**VISIBILITY OF THE BLACK PEOPLE IN THE GOSSIP
COLUMN OF THE NEWSPAPER APALAVRA: structures
of feeling dominant, residual and emergent**

Ana Luiza COIRO MORAES

Professora Visitante do Programa e do Departamento de Comunicação da UFSM; Pós-doc no Programa de Comunicação e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA); Doutora pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). - **Brasil**
E-mail: anacoiro@gmail.com

Jucineide T. da Silva FERREIRA

Jornalista com formação no Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), Santa Maria (RS) - **Brasil**
E-mail: neidi25@hotmail.com

* O artigo é resultado da reelaboração de trabalho apresentado no XI Congresso Latinoamericano de investigadores de la Comunicación, ALAIC (COIRO MORAES; FERREIRA, 2012).

RESUMO

O artigo investiga como se construiu historicamente a visibilidade do negro na coluna social do jornal Apalavra, em São Sepé, Rio Grande do Sul. Isso se procede através de exame ao espaço reservado à divulgação dos eventos socioculturais de dois clubes que dividiram a cidade da década de 1960 ao ano de 2004: o Clube do Comércio, dos “brancos”, e a Sociedade Recreativa Visconde do Rio Branco, o clube dos “negros”. Trata-se de explorar o alcance epistemológico do conceito estrutura de sentimento, articulado às noções de dominante, residual e emergente, de Raymond Williams, para a análise das processualidades culturais de racismo e segregação, investigando elementos de diferentes temporalidades e origens que constituem o gênero jornalístico coluna social, suas práticas discursivas e objetos empíricos.

Palavras-chave

Coluna Social. Visibilidade do negro. Estruturas de sentimento. Estudos culturais.

RESUMEN

El artículo investiga cómo la visibilidad del negro se ha construido históricamente en la columna de chismes del periódico Apalavra de São Sepe, Rio Grande do Sul. Este examen se realiza a través del espacio reservado para la difusión de eventos socio-culturales de los dos clubes que dividían la ciudad de 1960 a 2004: el Club de Comercio, de “los blancos”, y la Sociedad Recreativa Visconde de Rio Branco, el club de “los negros”. Se está estudiando el alcance epistemológica del concepto estructura del sentimiento, articulado a los conceptos de dominante, residual y emergente, de Raymond Williams, para el análisis del procedurales del racismo cultural y de la segregación, la investigación de elementos de diferentes orígenes y temporalidades que constituyen el género columna de chismes periodística, sus prácticas discursivas y objetos empíricos.

Palabras clave

Columna Social. Visibilidad de negro. Estructuras de sentimiento. Estudios culturales.

ABSTRACT

The paper investigates how the visibility of black people has been built historically on the gossip column of the newspaper Apalavra, from São Sepe, Rio Grande do Sul. This is performed through the analysis of the space reserved for promoting sociocultural events of two clubs that divided the city from 1960 to 2004: Clube do Comércio, which was for “white people”, and Sociedade Recreativa Visconde do Rio Branco, for “black people”. The study explores the epistemological scope of Raymond Williams’s concept structure of feeling, articulated with his ideas of dominant, residual and emergent, for the analysis of the cultural procedures of racism and segregation, in order to investigate elements of different origins and time frames that compose the journalistic gender Gossip Column, its discursive practices and empirical objects.

Keywords

Gossip Column. Black people visibility. Structure of feeling. Cultural studies.

INTRODUÇÃO

1- De acordo com o site Estados e Cidades (2010), a população de São Sepé era de 23787 de habitantes.

Dois clubes de específicas características dividiam a pequena cidade brasileira de São Sepé¹, no Estado do Rio Grande do Sul: o Clube do Comércio, dos “brancos”, e a Sociedade Recreativa Visconde do Rio Branco, clube dos “negros”. O Visconde foi fundado em 1953 na periferia da cidade, construído por operários de baixa renda, em sua maioria, descendentes de escravos, mas está fechado desde 2004. Já o Clube do Comércio, desde 1941 mantém suas portas abertas em frente à praça central da cidade. A diferença entre esses clubes é que por muito tempo os negros eram proibidos de entrar no clube dos brancos, e os brancos, por opção, não frequentavam o clube dos negros.

Contudo, os clubes eram as alternativas para sediar os eventos socioculturais da cidade, cuja cobertura estava a cargo da coluna social do Apalavra, o jornal mais antigo da cidade, que preserva seu acervo desde os primeiros impressos, em janeiro de 1950. Apalavra inicialmente circulava na cidade uma vez por semana e depois às quartas-feiras e aos sábados, quando a coluna social era publicada, divulgando a agenda social de final de semana.

A proposta deste trabalho é examinar a cobertura dos eventos e festividades dos dois clubes e assim verificar a visibilidade negra no espaço social promovido pelo jornal Apalavra, em sua coluna social. Para tanto, analisa-se comparativamente o material dos arquivos de Apalavra a partir da década de 1960 (quando o jornal passou a contar com coluna social) até 2004, data em que as portas do Visconde fecharam-se definitivamente. Trata-se de pesquisar se através desses dados é verificável a segregação do negro, visível nos clubes, também nas páginas da coluna social desse período. Isso implica investigar as representações jornalísticas do negro, de sua história e de sua cultura, e por em questão a própria identidade cultural negra, tensionada em discursos cuja enunciação se dá a partir do ponto de vista dos brancos.

Neste âmbito, o artigo se insere no debate sobre o que vem sendo discutido por pesquisadores como Stuart Hall (2003) e Muniz Sodré (1983, 1988, 2000, 2003), para refletir sobre a representatividade do negro na sociedade, suas lutas por igualdade e sua visibilidade no espaço midiático. As estratégias culturais, que vão da invisibilidade a um tipo de visibilidade cuidadosamente regulada e segregada, de acordo com Hall (2003), acarretam as “guerras de posição”, quando um modelo cultural se sobrepõe ao outro, ou seja, quando as diferenças marcam as identidades:

Esse momento essencializa as diferenças em vários sentidos. Ele enxerga a diferença como “as tradições deles versus as nossas” – não de uma forma posicional, mas mutuamente excluyente, autônoma e auto-suficiente e é, conseqüentemente, incapaz de compreender as estratégias dialógicas e formas híbridas essenciais à estética diaspórica. (HALL, 2003, p. 344, grifo do autor).

Assim, esta pesquisa se justifica pela reflexão de que a segregação racial existe desde a

diáspora negra que levou os africanos à escravidão em todos os cantos do mundo. Na comunidade sepeense, essas marcas eram visíveis cotidianamente, já que os negros não compartilhavam sua vida social com os brancos, nem se viam representados nas páginas de jornal. Por isso, também se examina, ainda que brevemente, o contexto dos clubes sociais como territórios de segregação social, bem como questões discursivas ligadas à coluna social como gênero jornalístico.

Para analisar tal contexto, o artigo se ampara em Raymond Williams, onde busca os conceitos de dominante, residual e emergente, que, articulados à noção de estrutura de sentimento, do mesmo autor, visam identificar como as características dominantes em um determinado processo ou sistema cultural presente (no caso deste estudo, a segregação social dos negros) se articulam a elementos que foram formados no passado, mas ainda estão ativos no processo cultural, isto é, as características residuais (aqui representadas pela sociedade escravagista, cujos traços ainda são perceptíveis no presente), tensionadas ainda pelas características emergentes (que no artigo se manifestam na noção de igualdade social que se traduz na gradativa aceitação de negros pelo clube dos brancos).

ESTRUTURAS DE SENTIMENTO: DOMINANTES, RESIDUAIS E EMERGENTES

Brennen (2003, p. 18, tradução nossa) afirma que “metodologicamente, estrutura de sentimento fornece uma hipótese cultural que tenta entender particulares elementos materiais de uma geração específica, num especial tempo histórico, dentro de um processo complexo de hegemonia”. Para ela, Williams vislumbrou o conceito de “estrutura de sentimento não apenas como uma construção teórica, mas também, como um específico método de análise”. (BRENNEN, 2003, p. 18)

A associação de noções usualmente contraditórias promovida por Williams (2003, p. 57) — estruturas e sentimentos —, em suas palavras: “[...] é tão firme e definitiva quanto sugere a palavra ‘estrutura’, mas opera nos mais delicados e intangíveis aspectos de nossas atividades. Em certo sentido, essa estrutura de sentimento é a cultura de um período: resultado específico de todos os elementos da organização geral.”

Na leitura de Higgins (1999) a Williams, é possível pensar em estrutura de sentimento como forma de desvelar convenções, no sentido de consentimentos tácitos e de padrões de aceitação entre o que é dado na esfera da produção cultural e a consciência social que daí emerge. E Filmer (2003, p. 200) acredita que com estrutura de sentimento Williams chegou a um “conceito central e carregado de sentido” que operacionalizou “[...] suas análises das relações entre as restrições estruturais das ordens sociais e as estruturas emergentes das formações interpessoais, sociais e culturais”.

Por isso, para desvelar as estruturas de sentimento contidas na processualidade do sistema de segregação na sociedade de São Sepé, opera-se sua interlocução com as noções de

dominante, residual e emergente, também formuladas por Williams (1979, 2003).

Beatriz Sarlo (1997) propõe articular estrutura de sentimento com as noções de dominante, residual e emergente que Williams utiliza em *Marxismo e Literatura* para descrever elementos de diferentes temporalidades e origens que configuram o processo cultural. (GOMES, 2007, p. 16).

Os conceitos de dominante, residual e emergente podem ser articulados como categorias analíticas dos elementos culturais retratados na coluna social do jornal Apalavra, pois se trata de aplicá-los a uma pesquisa que trabalha com dados que ao longo do tempo foram se transformando e esses conceitos oferecem a necessária contextualização no tempo-espaço cultural.

A noção de dominante permite reconhecer os elementos hegemônicos em uma dada cultura, a partir das relações que se estabelecem em seu interior, e de como essas relações predominam umas sobre as outras. A análise da cultura contemporânea é a análise daquilo que se configurou historicamente como dominante, juntamente com suas instituições e formações, e seus processos de imposição sobre outras forças desenvolvidas em paralelo (SILVA, 2000).

A concepção de residual leva em conta que ao longo do processo histórico, novas práticas sociais emergem, valores, costumes, normas e vivências são substituídos ou mesclados por novas experiências, mas permanecem resquícios e vestígios de características do passado. Essas nuances são residuais, elementos que ainda operam no presente, porque de alguma forma, ao longo da sua trajetória na história, resistiram à cultura dominante.

O residual por definição, foi efetivamente formado no passado, mas ainda está ativo no processo cultural, não só como elemento do passado, mas como um elemento efetivo do presente. Assim, certas experiências, significados e valores que não se podem expressar, ou verificar, substancialmente, em termos da cultura dominante, ainda são vividos e praticados à base de resíduo – cultural bem como social – de uma instituição ou formação social e cultural anterior. (WILLIAMS, 1979, p. 125).

A concepção emergente é resultado da tensão dos aspectos dominantes e residuais, que gradativamente perdem força diante de novas práticas sociais que emergem. O que se dá, todavia, é uma fusão entre o novo e o velho, já que há aspectos dominantes e residuais que sobrevivem ao emergente.

Por isso, os resultados do exame de práticas culturais, como a que aqui se procede, não apontam em um sentido único, pois quaisquer que sejam espaços de tempo focados, o dominante inclui em sua processualidade tanto as novas práticas culturais que emergem quanto os aspectos residuais que permanecem.

UM BREVE HISTÓRICO DE RACISMO, ESCRAVIDÃO E SEGREGAÇÃO À BRASILEIRA

Williams (2007) assinala que a falta de precisão no sentido de definir a palavra “raça” favoreceu o seu uso, sempre discriminatório, em relação a grupos diferentes como judeus, negros, orientais. E, tal discriminação é um dos fatores que desencadearam ódio racial e a cruel perseguição e extermínio, na II Guerra Mundial, de judeus, mas também de militantes comunistas, homossexuais, ciganos e tantas outras pessoas vitimadas no holocausto promovido pelo nazismo. “O preconceito e a crueldade [...] colocaram sob ameaça a necessária linguagem de reconhecimento (livre de preconceitos) da diversidade humana e de suas comunidades reais” (WILLIAMS, 2007, p. 335).

Sodré (2000) afirma que a ideia de “raça” foi utilizada para tentar descrever cientificamente o problema de distância entre o paradigma branco-europeu e a diversidade das pigmentações de pele humana no mundo. Mas, sob o seu ponto de vista, o conceito de raça utilizado para diferenciar indivíduos com patrimônios genéticos diferentes não existe, o que há são diferentes fenótipos.

As etnias ou as etnicizações são geralmente artefatos conceituais criados pelos grupos dirigentes para melhor controlar determinadas contradições sociais. [...] A percepção imediata classifica automaticamente, a partir de noções inventadas (“raça” ou etnia), a maioria dessas diferenças fenotípicas (SODRÉ, 2000, p. 193, grifo do autor).

Nas interações sociais ocorridas no Ocidente, os brancos, sobrepujando-se a negros, mulatos, mestiços e índios, condicionaram um sistema discriminatório chamado “racismo”, que segundo Santos (1984) não passa de uma interpretação lógica, mas errônea, do que é um grupo racial:

Racismo é um sistema que afirma a superioridade de um grupo racial sobre outros [...] O que é um grupo racial? A pergunta parece tola; ninguém confunde um branco com um negro, um índio com um japonês e, se for um bom observador não confundirá, também, um judeu com um italiano. Nenhum desses grupos de pessoas é, porém uma raça. Pretos e brancos são apenas conjuntos de indivíduos que têm cores-nada mais (SANTOS, 1984, p. 11).

Assim, operando sob o racismo, o que era para ser uma comunidade sanguínea (todos são humanos do mesmo sangue) tornou-se uma comunidade de “raça”, e a maneira pela qual o “outro” ser humano, portador de características, cultura e cor diferentes, é isolado e limitado pelo ser humano dominante em dado arranjo civilizacional afeta a sua formação psicológica e social. Isso porque o diferente é identificado através do não aceite social, isto é, o racismo entra em cena na forma de premissa de não pertencimento a determinado território, e essa hipótese passa a constituir o sistema de valores dominante de uma época.

Negros da África Ocidental foram capturados, contrabandeados, escravizados e obrigados a povoar o mundo nas “dispersões irreversíveis da diáspora negra” (Hall, 2003, p. 343). Os negros que povoaram o Brasil são provenientes de nações nativas da costa africana, em fluxo de intensidade variável. Segundo Fausto (1996), não há cálculos definidos sobre o número de escravos, estima-se que, entre 1550 e 1855, entraram pelos portos brasileiros quatro milhões, na maioria, jovens do sexo masculino que, ao desembarcarem, eram levados para mercados públicos para serem vendidos. E, como toda mercadoria, tinham um preço que variava de acordo com a maré dos negócios. Seu valor correspondia à moeda em circulação, nunca menos de mil-réis, porém, a partir de 1800, chegou aos oitocentos mil-réis devido a limitações impostas ao tráfico (LUNA, 1968).

A economia no Brasil estava em fase de expansão e o trabalho braçal (não remunerado) do negro foi de grande importância em todos os afazeres: nas plantações, nos engenhos de açúcar, nas casas de famílias e nas fazendas de gado, onde os escravos se viam sob a “[...] tirania do tronco, dos bolos de palmatória, do suplício das máscaras de Flandres, das torturantes prisões em solitárias soturnas, da terrível agonia dos longos jejuns e das formas desumanas de humilhação e castigos” (LUNA, 1968, p. 19-20).

O ciclo escravista, que durou do século XVI ao XIX, foi suficiente para afastar os negros de sua essência cultural e social, dando lugar à reprodução e adaptação daquilo que passavam a experimentar no cativeiro, isto é, o tipo de organização social dos brancos. Trata-se de uma lógica escravista que, gradativamente, derrubou a cultura africana para dar lugar a uma cultura escrava.

Mas, desde os primeiros tempos de colônia existiram tensões entre senhores e escravos. Negros fugidos, quilombos, levantes de escravos eram episódios constantes desde o século XVI (COSTA, 1989).

A escravidão passou a ser vista como uma instituição condenada a desaparecer, principalmente a partir da aprovação da Lei do Ventre Livre. [...] No entanto, nem as transformações estruturais na economia, nem a diminuição relativa da população escrava e o crescimento da população livre, nem as tentativas de substituir o escravo pelo imigrante, nem a retórica dos abolicionistas, nem a legislação emancipadora que pairava como ameaça sobre os senhores de escravos desde 1871, nem todas as condições somadas são suficientes para explicar a aprovação final da lei que aboliu a escravidão em 13 de maio de 1888. (COSTA, 1989, p. 38).

A abolição da escravatura entrou em cena com a promessa de ser um movimento em favor de uma redefinição social do trabalho produtivo e uma trégua aos sofrimentos dos negros, mas a ordem social ainda acusava a presença de elementos residuais do período escravagista. Na pós-escravidão, o negro estava liberto, mas não em novas condições e sim em diferentes condições de vida. Ele conquistou o trabalho livre, porém a segregação continuou, isto é, ainda estava em desvantagem em relação ao branco, pois sua estruturação social, psíquica e econômica guardava elementos residuais da sociedade escravocrata.

Domingues (2007, p. 102-103) conta que “[...] para reverter esse quadro de marginalização no alvorecer da República, libertos, ex-escravos e seus descendentes instituíram movimentos de mobilização racial no Brasil, criando inicialmente dezenas de grupos (grêmios, clubes ou associações) em alguns estados da nação.”

Já no século XX, os movimentos negros brasileiros se alinhariam aos conflitos entre grupos hegemônicos e marginalizados iniciados nos Estados Unidos, nos anos 1960, com a luta de líderes religiosos negros e estudantes, que foram aos poucos atraindo outros grupos de cidadãos, que passaram a se organizar por partilhar o sentimento de exclusão.

Líderes como Martin Luther King e Malcolm X e grupos como *Black Panther* e *Black Power* incentivaram e impulsionaram o movimento negro em direção à resistência à opressão; contudo, gradativamente, começaram a se destacar também outros tipos de movimento, como o feminista, o dos homossexuais e os de outras tantas minorias sociais. Naquele momento, emergia socialmente a importância da diversidade étnica e cultural e a necessidade de acesso igualitário a oportunidades educacionais, de trabalho e de representação social, reconfigurando os aspectos dominantes da época.

CLUBE SOCIAL COMO TERRITÓRIO DA SEGREGAÇÃO SOCIAL

Antes dessas conquistas, no entanto, os negros já buscavam organizar-se socialmente e reconstruir os próprios espaços de diálogos e práticas culturais. Por si, a necessidade desses espaços evidencia a segregação territorial, tradicional na organização social brasileira, marcada por normas de rejeição como as faixas de proibição de acesso de agregados e escravos ao interior das residências brancas (SODRÉ, 1988).

De cunho eminentemente assistencialista, recreativo e/ou cultural, segundo Domingues (2007), as associações negras conseguiam agregar um número não desprezível de “homens de cor”, como se dizia na época. Algumas delas tiveram como base de formação determinadas classes de trabalhadores negros, como portuários, ferroviários e ensacadores, constituindo uma espécie de entidade sindical.

Os clubes sociais negros surgiram no século XIX e, além de constituírem um local de sociabilidade e de lazer para a população negra, eram lugares de reuniões para mobilizações contra o preconceito racial, zona de pertencimento, onde se promoviam festas, batuques e outras práticas sociais identificadas com a cultura negra.

Luna (1968) informa que essas associações existiram em vários pontos do Brasil, constituindo-se em espaços de expressão de construção social, patrimônio de conquista dos negros, e configurando-se em lugar de memória cultural.

2- Entrevista concedida a Jucineide Ferreira, em 14 de julho de 2011, pelo ex-presidente da Associação Visconde do Rio Branco, Elpídio Santana, que ficou no cargo de 1972 a 1974. Hoje, ele luta para reabrir o clube.

O patrimônio simbólico do negro brasileiro (a memória cultural da África) afirmou-se aqui como território político, mítico, religioso para a sua transmissão e preservação. Perdida a antiga dimensão do poder guerreiro, ficou para os membros de uma civilização desprovida de território físico a possibilidade de “reterritorializar” na diáspora através de um patrimônio simbólico (SODRÉ, 1988, p. 50, grifo do autor).

Na cidade de São Sepé não foi diferente, os negros tinham seu território e vida social bem distante dos brancos, inclusive na hora de cultivar as tradições gaúchas. O Centro de Tradições Gaúchas Ronda Crioula era e ainda é o “CTG dos negros”. Em entrevista², Elpídio Santana, declarou:

Para não haver mistura de negros e brancos no outro CTG, que também era conhecido como “CTG dos brancos”, nós negros fomos aconselhados a fundar nosso próprio CTG, porque devido essa separação tínhamos o desejo de também cultuar as tradições gaúchas e por isso que CTG Ronda Crioula foi fundado (Informação verbal).

A Associação Recreativa Visconde do Rio Branco foi fundada em 23 de abril de 1953 por operários de baixa renda, quase todos descendentes de escravos. Localizado na ‘baixada’ da cidade, o Visconde teve seu auge entre os anos de 1940 e 1960, quando se tornou uma referência para os negros de São Sepé. Nas suas dependências havia atividades cívicas e esportivas, inclusive um prestigiado time de futebol. Os carnavais, o Baile da Primavera e o Baile de Revellion estavam entre as maiores festas do Visconde. “Vinha gente de todos os lugares do estado para prestigiar os bailes. Os negros separavam sua roupa de linho, e a melhor fatiote para esses eventos”, declarou Santana (Informação verbal).

O clube passou por diversas mudanças de endereço até conseguir construir a sede própria, mas foi fechado em 2004 por conta de um mandado judicial, pois acumulava dívidas de água, luz e IPTU; mas desde 2006, militantes do Movimento Negro local vêm se empenhando pela sua revitalização, na qualidade de Instituição de Cultura Negra.

Hoje, em São Sepé os negros reterritorializaram-se e frequentam um local que já foi somente dos brancos, o Clube do Comércio, mas o registro dessa trajetória pode ser conferido na coluna social do jornal Apalavra.

COLUNA SOCIAL: BREVE HISTÓRICO DE UM GÊNERO JORNALÍSTICO

3- Para Maria (2008, p. 2), a nova forma de fazer jornalismo incluía: “Técnicas como o lead e a ‘pirâmide invertida’, implantação de novos cargos nas redações dos jornais, como o copy-desk, e a adoção e criação de manuais de redação”.

Considerado um gênero jornalístico de opinião, mas também de caráter informativo, já que registra, embora de maneira levemente persuasiva, o que está ocorrendo na sociedade (MELO, 1994), a coluna social foi fruto de uma nova forma de construir a informação³,

começou com as *gossip columns* americanas e foi trazida para os jornais brasileiros. Seus temas eram ligados às famílias da alta sociedade (MARIA, 2008), constituindo-se em relatos de festas, informações fúteis, curiosidades políticas, fofocas sobre milionários, artistas e celebridades. Para Sodré (2003), a coluna social ajudou a construir uma “mitologia pequeno-burguesa” sinalizando aqueles que tinham poder e oferecendo-lhes visibilidade.

A função histórica da “coluna social” era a de consagrar a modernização dos estilos de vida das elites. [...] A temperatura ideológica deste gênero, ou seja, aquilo que constituía o “tom” jornalístico da visibilidade social da nova fração de classe no poder, consistia na celebração de sinais exteriores de consumo conspícuo. (SODRÉ, 2003, p. 1, grifo do autor).

As colunas sociais também funcionaram como um mecanismo de inclusão na elite, foram meio de inserção de novos ricos nas “altas rodas”, bastava ter seus nomes veiculados em alguma coluna social de prestígio. E não era menor o prestígio adquirido pelos colunistas. Maria (2008) cita alguns deles: Jacinto de Thormes, Ibrahim Sued e Tavares de Miranda.

Na coluna social do jornal Apalavra de São Sepé, os assuntos sempre estiveram relacionados basicamente aos eventos sociais de clubes da cidade, mas dela fazem parte, também, nascimentos, falecimentos, aniversários, casamentos, formaturas, concursos de beleza, nova decoração de casas, viagens a várias partes do Brasil, inclusive a Porto Alegre ou a Santa Maria (cidade vizinha). Os textos têm no máximo um parágrafo e não há separação das informações, todas localizadas num quadro no lado esquerdo da página, uma embaixo da outra.

E, como se pode observar na coleta de dados desta pesquisa, durante muito tempo, estiveram em foco, numericamente mais representados na coluna social do Apalavra, os eventos do Clube do Comércio e as festas privadas da alta sociedade branca.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA

A coleta dos dados, isto é, a seleção das colunas sociais do jornal Apalavra se deteve nos anos de 1966, 1971, 1980, 1990, 2000 e 2004, cada um deles representando uma década. Os jornais de 1960 e 1970 seriam a sequência inicial, porém eles foram extraviados do arquivo, e os anos de 1966 e 1971 entraram na pesquisa para suprir a falta desses documentos. No total, foram seis décadas, para verificar a visibilidade que o jornal Apalavra deu ao negro, por meio de sua coluna social, em um *corpus* constituído por 80 entradas dos clubes do Comércio e Visconde do Rio Branco, como mostra a Tabela 1.

Tabela 1 – Entradas nas Colunas Sociais

Mês	COMÉRCIO	VISCONDE
Jan	3	0
Fev	3	0
Mar	1	0
Abr	4	0
Mai	1	0
Jun	4	0
Jul	2	0
Ago	4	0
Set	2	0
Out	3	0
Nov	1	0
Dez	4	0
Ano: 1966	32	0

Mês	COMÉRCIO	VISCONDE
Jan	2	0
Fev	1	0
Mar	1	0
Abr	0	0
Mai	0	0
Jun	2	0
Jul	1	0
Ago	1	0
Set	1	0
Out	1	0
Nov	1	0
Dez	0	0
Ano: 1971	11	0

Mês	COMÉRCIO	VISCONDE
Jan	0	0
Fev	1	0
Mar	0	1
Abr	0	0
Mai	2	0
Jun	2	0
Jul	0	0
Ago	0	0
Set	0	0
Out	0	0
Nov	1	0
Dez	0	0
Ano: 1980	6	1

Mês	COMÉRCIO	VISCONDE
Jan	1	0
Fev	0	0
Mar	0	0
Abr	2	0
Mai	0	0
Jun	0	0
Jul	0	0
Ago	1	0
Set	1	0
Out	0	0
Nov	1	2
Dez	2	0
Ano: 1990	9	2

Mês	COMÉRCIO	VISCONDE
Jan	3	0
Fev	0	0
Mar	0	0
Abr	0	1
Mai	1	0
Jun	0	0
Jul	2	0
Ago	1	0
Set	0	0
Out	1	1
Nov	0	0
Dez	2	0
Ano: 2000	10	2

Mês	COMÉRCIO	VISCONDE
Jan	0	0
Fev	0	0
Mar	0	0
Abr	0	0
Mai	0	0
Jun	0	0
Jul	0	0
Ago	0	0
Set	0	0
Out	2	2
Nov	0	0
Dez	1	2
Ano: 2004	3	4

TOTAL CLUBE DO COMÉRCIO: 71

TOTAL CLUBE VISCONDE DO RIO BRANCO: 9

Fonte: Coleta de dados realizada pelas autoras nos arquivos do jornal Apalavra.

Como se pode constatar na Tabela 1, a partir do ano de 1980 começaram a aparecer informações relacionadas ao Visconde. No dia 1º de março, há uma nota na coluna social relatando o sucesso de um baile carnavalesco ocorrido nas dependências da Sociedade Recreativa Visconde do Rio Branco. Entretanto, o nome do clube não foi citado, sua invisibilidade na coluna social apenas é alterada por uma referência ao evento “naquela Sociedade”, ou seja, a identidade negra se revela através da diferença em relação ao clube dos brancos. Trata-se do que Hall (2003) considera uma prática de significados e identificação de território, pois só é possível perceber que se trata do Visconde, por ele ser o único clube da cidade que se chama “sociedade” e porque há referência a uma fantasia cujo título é Feitiço Africano.

Além disso, as pessoas citadas na nota da coluna fazem parte de uma espécie de comitiva branca que se dirigiu ao Visconde naquela data: o prefeito e alguns outros “notáveis” da cidade. O ex-presidente do Clube do Comércio, Pedro Pinto, cuja gestão ocorreu entre 1989 e 1999, ao ser questionado sobre as razões pelas quais esse clube aparecia mais na coluna social, justificou: “O clube era o que mais organizava festas e eventos sociais, e também era ele que patrocinava a coluna social, logo quem mais aparecia era ele e seus sócios” (Informação verbal)⁴.

A declaração do ex-presidente do Clube do Comércio corrobora uma das funções da coluna social descritas por Kovacs (*apud* MELO, 1994), que é de atuar como veículo de projeção de setores da economia (como o do lazer); mas reduz a questão da segregação social, ao atribuir a fatores econômicos a falta de notícias sobre o clube dos negros.

Em 1990, houve um aumento razoável de informações sobre o Visconde no jornal, como a notícia sobre a escolha da Miss Mulata. No entanto, ao divulgar a Festa do Rosário no Salão Paroquial da Igreja, que foi organizada por festeiros negros, a coluna identificou-os como “os morenos”. Francisco (2002) afirma que uma das alternativas usadas pela mídia para diferenciar negros e brancos se dá através da linguagem. No jornal Apalavra, a coluna social apela ao eufemismo “morenos” para falar de negros, como se ser negro se constituísse numa ofensa a ser atenuada com palavra menos forte.

O ano de 1990 registra uma situação de confronto entre a coluna e os frequentadores do Visconde, identificados como “Negros de Mandela”, na nota em que o colunista afirmava que “quem quiser cortesia, tem que ser cortês”. O colunista Sérgio Machado relata⁵ que chegando ao Visconde para fazer a cobertura de um evento, membros da diretoria do clube não o deixaram entrar, e por isso publicou a nota. A polêmica deu o que falar na pequena São Sepé, e logo, o colunista redigiu um pedido de desculpa aos frequentadores do Visconde, esclarecendo que citou o nome de Mandela, por se tratar de um grande líder negro: “não houve intenção de ofender. De resto, estamos aqui e aí, para servir brancos e negros” (Informação verbal).

Desse quiproquó, ressalta-se o fato de que o colunista, considerado um formador de opinião, cujas palavras repercutem no tecido social (MELO, 1994), dirigir um pedido de des-

4- Entrevista concedida a Jucineide Ferreira, em 11 de novembro de 2011.

5- Entrevista concedida a Jucineide Ferreira, em 11 de novembro de 2011.

culpas aos negros se configura como um elemento emergente na cultura segregacionista dominante, pois os até pouco tempo destituídos de qualquer visibilidade na coluna social (como nos anos de 1966 e 1971), agora são alvo de atitude respeitosa.

Em 2000, o Clube do Comércio passou a ter uma coluna exclusiva, localizada na terceira página, mas isso não significou que tenha deixado de ser citado na coluna social. Entretanto, em 2000 e em 2004, os eventos sociais do Visconde ganham maior visibilidade, e na coluna social são vistas chamadas para festas como a “Folia Momesca”, a visita da Escola de Samba Imperadores do Ritmo, a eleição da “Mais Bela Negra”, bem como a opinião do colunista Sérgio Machado em relação a evento ocorrido no Visconde (“a festa esteve animada”).

Todavia, se considerado o espaço exclusivo do Clube do Comércio, é verificável que o colunismo social sepeense persistia em seus alvos de divulgação, que no caso da coluna do Apalavra continuavam majoritariamente direcionados à cobertura dos eventos envolviam a vida das pessoas influentes da cidade, em outras palavras, os brancos detentores do poder econômico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O racismo operou em várias frentes, e sempre esteve perceptível em fatos e acontecimentos sociais, não só no Brasil, mas em várias partes do mundo, o que, dentre outras consequências, relegou os negros à segregação e à invisibilidade social. Em São Sepé, a identidade negra e as diferenças sociais entre negros e brancos, neste artigo articulados a partir dos Estudos Culturais, revelaram aspectos residuais de uma estruturação social dominante, nos diferentes recortes no tempo focalizados na pesquisa, que remete ao regime escravocrata e suas consequências históricas.

Por outro lado, na gradativa inclusão de notícias relativas ao clube dos negros, a partir da década de 1980, percebem-se aspectos emergentes na política editorial do jornal Apalavra, no sentido de promover igualdade viabilizando mais espaço de representação negra na coluna social.

Contudo, a partir dos dados coletados, é possível posicionar a segregação na cidade de São Sepé, sob o ponto de vista da (in)visibilidade do negro na coluna social do jornal Apalavra. Ademais, esses dados dão conta das estruturas de sentimento de um específico — e longo — período de tempo, em que consentimentos tácitos e padrões de aceitação entre a esfera da produção jornalística e as crenças e atitudes dominantes compartilhadas por pessoas de um lugar específico, uma pequena cidade no interior do Rio Grande do Sul, convencionaram que seria preciso mais de um século após a abolição da escravatura para que negros fossem aceitos no clube dos brancos e para que ocupassem, em (quase) igualdade de condições, as páginas da coluna social.

REFERÊNCIAS

- BRENNEN, Bonnie. Sweat not melodrama: reading the structure of feeling in all the president's men. **Journalism: Theory, Practice and Criticism**, London, v.4, n.1, p. 113–131, 2003. Disponível em: < <http://www.ijpc.org/watergate.pdf> >. Acesso em: 28 nov. 2011.
- CARLOS, S. J. Sociais em Destaque (Coluna Social). **Jornal Apalavra**, São Sepé, edição de 20 ago. 1966.
- COIRO MORAES, Ana Luiza Coiro; FERREIRA, Jucineide Terezinha da Silva. A história da visibilidade do negro na coluna social do jornal Apalavra: estruturas de sentimento dominantes, residuais e emergentes. In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE INVESTIGADORES DE LA COMUNICACIÓN- ALAIC, 11., 2012, Montevideo, Uruguai. Mayo, 2012. **Trabalho apresentado...** Montevideo: ALAIC, 2012.
- COSTA, Emília Viotti da. **Da Senzala à Colônia**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, Niterói, vol.12, n.23, p. 100-122, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07>>. Acesso em: 24 set. 2011.
- E. S. T. Cocktail Social (Coluna Social). **Jornal Apalavra**, São Sepé, edição de 11 set. 1971.
- ESTADOS E CIDADES. **Cidade de São Sepé/RS**: população e estatísticas. 11 maio 2010 Disponível em: < http://www.estadosecidades.com/sao-sepe-rs_cidade.aspx >. Acesso em: 25 fev. 2012.
- FAUSTO, Bóris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1996.
- FILMER, Paul. Structures of feeling and socio-cultural formations: the significance of literature and experience to Raymond Williams's sociology of culture. **The British Journal of Sociology**, London, v. 54, n. 2, 2003.
- FRANCISCO, Dalmir. Etnicidade e mídia. **Revista Aletria**, Belo Horizonte, v. 9, n.1, p. 23-37, 2002. Disponível em: < <http://www.letras.ufmg.br/poslit> >. Acesso em: 25 out. 2011.
- GOMES, Itania Maria Mota. Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - E-Compós**, Brasília, v. 8, p. 2-31, abr. 2007. Disponível: <<http://compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/126/126>>. Acesso: 20 fev. 2012.
- HALL, Stuart. Que "negro" é esse na cultura negra? In _____. **Da diáspora**: identidades

e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HIGGINS, John. Raymond Williams: Marxism, literature and cultural materialism. London: Routledge, 1999.

JACOBI, Carlinda. Cocktail Social (Coluna Social). **Jornal Apalavra**, São Sepé, edição de 30 jan. 1971.

JORNAL APALAVRA, Sociais (Coluna Social). São Sepé, edição de 13 jan. a 1990.

_____. São Sepé, edições de 2 fev. a 15 nov. 1980.

_____. Cocktail Social (Coluna Social). São Sepé, edições de 30 jan. a 6 ago. 1971.

LADY "L". Cocktail Social (Coluna Social). **Jornal Apalavra**, São Sepé, edições de 28 mai. a 13 ago. 1966.

_____. _____. **Jornal Apalavra**, São Sepé, edições de 27 ago. a 25 dez. 1966.

LUNA, Luiz. **O negro na luta contra a escravidão**. Rio de Janeiro: Cátedra, 1968.

MACEDO, Sérgio. O que rola em sociedade (Coluna Social). **Jornal Apalavra**, São Sepé, edições de 24 jul. a 4 dez. 2004.

_____. _____. **Jornal Apalavra**, São Sepé, edições de 8 jan. a 2 dez. 2000.

_____. Sociais (Coluna Social). **Jornal Apalavra**, São Sepé, edições de 21 abr. a 15 dez. 1990.

M. L. R; M. S. T. Cocktail Social (Coluna Social). **Jornal Apalavra**, São Sepé, edição de 9 out. 1971.

_____. _____. **Jornal Apalavra**, São Sepé, edição de 13 nov. 1971.

MARIA, Maurício de Fraga Alves. *Das gossip columns às novas colunas sociais brasileiras: política e modernização da imprensa brasileira nas décadas de 1950 e 1960*. **Histórica**, São Paulo, Ano 4, n. 33, p. 22-34, out. 2008. Disponível em: < <http://www.historica.arqui-voestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao33/materia03/>>. Acesso em: 20 jul. 2012.

MELO, José Marques de **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1994.

SANTOS, Joel Rufino dos. **O que é racismo**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Codreci, 1983.

_____. O Terreiro e a cidade: **A forma social negro-brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1988.

_____. **Claros e escuros**: Identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. Colunismo Social. **Gente boa e gente fina**. Observatório da Imprensa, São Paulo, 26 ago. 2003. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/fd260820031.htm>>. Acesso em: 10 maio 2011.

WLADIMIR. Em sociedade (Coluna Social). **Jornal Apalavra**, São Sepé, edições de 1º jan. a 30 abr. 1966.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. **La larga revolución**. Buenos Aires: Nova Visión, 2003.

_____. **Palavras-chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007.